



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

ESTELAMARIS PRATO BROETTO

(depoimento)

2014

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-

Entrevistado/a: Estelamaris Prato Broetto

Nascimento: 13/05/1946

Local da entrevista: Centro de Memória

Entrevistador/a: Maria Luisa de Oliveira da Cunha

Data da entrevista: 01/04/2014

Transcrição: Juliana Lorenzoni

Copidesque: Maria Luisa Oliveira da Cunha

Total de gravação: 1 hora 16 minutos e 39 segundos

Páginas Digitadas: 29 páginas

Observações:

A entrevistada realizou algumas alterações após a leitura da entrevista transcrita.

Entrevista realizada para a produção da pesquisa de Maria Luisa Oliveira da Cunha sobre a Escola de Dança João Luiz Rolla.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Identificação; Data de nascimento , Estado Civil e formação; Início na Escola de Dança do Professor João Luiz Rolla; Escolas de dança na época em Porto Alegre; Estudar na escola de dança de um homem; Locais e estrutura da escola; A escolha pela prática do balé; Nível sócio econômico das alunas; Metodologia de aula; Formação do Professor João Luiz Rolla; Alunas que seguiram carreira na dança; Espetáculos da escola; Relação pessoal com o professor; Aulas de Dança Característica; Período pós formatura; Encerramento das atividades da escola; Período na Clínica Geriátrica; Ligação do professor e as alunas; Organização do Livro Memórias de uma sapatilha; Possíveis doações de material para acervo do CEME; Relato final; Agradecimentos.

Porto Alegre, 01 de abril de 2014. Entrevista com Estelamaris Prato Broetto a cargo da pesquisadora Maria Luisa Oliveira da Cunha para o Projeto Garimpendo Memórias do Centro de Memória do Esporte.

M.C. – Gostaria que me dissesse teu nome completo

E.B. – Meu nome é Estelamaris Prato Broetto

M.C. – Qual tua data de nascimento?

E.B. – Eu nasci em 13 de maio de 1946

M.C. – Qual tua formação Estela?

E.B. – Sou formada em História.

M.C. – Em que período tu estudou na escola do professor João Luis Rolla?

E.B. – Eu tinha treze anos quando eu entrei na escola e até 1966, 67 mais ou menos foi que eu me formei... durou nove anos.

M.C. – Então nesta época a escola já tinha oito anos.

E.B. – É eu sempre quis desde quatro, cinco anos mas a minha mãe não podia me levar e não deixava ir com ninguém e aquela coisa, então com treze anos ela me deu carta branca para eu andar sozinha, aí eu fui .

M.C. – E por que escolher a escola de dança do professor João Luis Rolla?

E.B. – É eu queria estudar balé, primeiro lugar, segundo lugar eu fui à escola da professora que dava aula aqui no Petrópolis Tênis Clube que era pertinho, eu morava naquela época na Eça de Queiroz era só descer, mas a gente foi muito mal recebida. Ela era muito artista, fechou as cortinas, não deixava a gente falar, queria não sei o que, aí a mãe disse: “não.” E eu disse: “eu também não quero!” Porque eu ia ali porque não tinha outro lugar mais perto e eu queria estudar entende? Porque eu sempre quis mesmo estudar no Rolla porque eu tinha uma vizinha Maria Isabel Bangart que estudava lá e... E elas passavam todos os dias na frente da minha casa, e ela dizia: “vem Estela eu te levo!” Mas a mãe não deixava e dizia: “não, eu não quero ficar devendo obrigação para a vizinha”. Aquela coisa toda. Aí eu

fiquei esperando e quando lá não deu, aí eu esperei mais um pouco até ter idade para poder sair.

M.C. – E tu lembras naquela época quais eram as outras escolas que existiam?

E.B. – Tinha a Tony¹, tinha a Lya², tinha a... essa que eu não consigo me lembrar agora o nome dela, é eu acho que a Lenita³ já estava também funcionando mas a mais conhecida era a Tony, a do Rolla e da Lya.

M.C. – Tu citas várias professoras que tinham escola em Porto Alegre. Então me diz, naquela época, como foi estudar na escola onde um homem era o professor?

E.B. – Olha lá em casa nunca teve isso, o negócio era estudar balé, era a dança. O meu pai não ficou sabendo durante um ano, eu estudei escondida. Ele não queria, sei lá, não sei por que ele nunca explicou também eu não fui aos méritos da coisa, porque o negócio era estudar. E aí eu ia... era lá na Marechal Floriano a escola dele. Eu ia de ônibus, eu me lembro que os ônibus do bairro Petrópolis passavam na avenida Salgado Filho. Eu descia ali, descia voando aquela rua Marechal Floriano, depois na volta parece que eu pegava lá na praça quinze ou subia de novo na Salgado Filho, não me lembro agora, só sei que eu corria feito louca no centro porque eu tinha que chegar antes que ele chegasse. Porque as aulas das pequenas eram sempre a tarde, no final da tarde. Porque as crianças estudavam, e estavam no colégio geralmente as classes iniciais eram a tarde, então era sempre cinco e meia, seis horas, essa hora que era a hora de aula das crianças e eu comecei ali, nós éramos cinco grandes que ele chamava na aula, a gente era grande...

M.C. – Tu lembras quem eram essas cinco?

E.B. – Não me lembro.

M.C. – Mas eram cinco alunas maiores que as outras?

E.B. – Sim, maiores que as outras pequeninhas, e das cinco só fiquei eu, ninguém mais continuou, e eu em dois três anos não fui a maior, porque o tamanho que eu tenho hoje eu já tinha com treze anos e as gurias cresceram, todas passaram de mim e eu fiquei uma das

¹ Antônia Seitz Petzhold.

² Eliane Clotilde Bastian Meyer Schimitz.

³ Lenita Ruschel.

do meio delas assim, no início acho que um ou dois anos eu fui das maiores, mas depois não fui mais.

M.C. – E tu me contou que tu estudava na Escola que ficava rua Marechal Floriano?

E.B. – Sim, foi ali que eu estudei.

M.C. – E tu te lembrás quanto tempo a escola permaneceu ali?

E.B. – Olha ficou bastante tempo ali, depois nós fomos para a avenida Alberto Bins e depois para o Araújo Viana⁴.

M.C. – Então é isso que eu quero que tu me contes. Na Marechal Floriano eu estive lá, então eu fui até o fim daquele corredor, subi a escadinha, então eu queria que tu me contasse como era a estrutura da Escola, era uma sala única?

E.B. – Era uma sala única e tinha um vestiário para trás na sala de espera onde ficavam as mães e um vestiário pequenininho ali, banheiro, e fim. Era só isso.

M.C. – E quando a escola mudou de endereço para a rua Alberto Bins, tu te lembra aonde era, tu consegue me dizer hoje onde era?

E.B. – Era, depois sabe onde é a elevada da Conceição ali, era quase no meio daquela quadra indo para o lado do bairro. Era em cima de um depósito. Era uma sala, era bem maior, mais ampla e tudo, mas também era uma sala só, um vestiário.

M.C. – Mas então a mudança foi em função de ir para um lugar melhor? Tu te lembrás de alguma coisa disso?

E.B. – Não, não! O problema era o seguinte, o Rolla quando nós estávamos ainda na rua Marechal Floriano ele comprou um apartamento que seria um andar inteiro lá na Marechal Floriano mas bem em cima na rua. Só que o edifício, a promessa de quando estavam construindo que o edifício seria um edifício de salas de coisas assim, aí depois se tornou um edifício de moradia e como era um apartamento, salas grandes o pessoal dividiu e virou um balanço mas não caiu. Aí o Rolla ficou muito desiludido, ele chegou a montar barras, aí nós teríamos duas, três salas um monte de coisas, aí ele ficou super chateado, chegou a montar barras, botar espelhos tudo, aí quando ele viu que o negócio virou, e ele era muito

⁴ Auditório Araújo Viana em Porto Alegre.

zeloso por essa parte. Aí diz ele: não, não dá para eu ir para lá, como é que eu vou botar vocês lá no meio assim, que depois vocês vão descer elevador, subir elevador de que jeito? Aí ele se desfez de tudo ... acho que aí nós fomos para a Alberto Bins porque aí ele já tinha entregado a Marechal Floriano em função desse apartamento aí ele alugou na Alberto Bins.

M.C. – Então vocês faziam aula na rua Marechal Floriano, mas ele comprou outro lugar, ele chegou a fazer a mudança para esse novo lugar? Chegaram a ir pra lá?

E. B. – Não chegamos a ir. Ele estava alugando aqui na Marechal e montando lá no edifício. Eu cheguei a ir lá no prédio. E hoje eu conheço o prédio porque é bem na frente onde mora minhas tias. O prédio fica na frente do trezentos e setenta e cinco que é o das minhas tias, é um prédio alto. De cinco ou seis andares, era um lugar alto e eu me lembro de ir porque como era na frente da minha tia, eu por curiosidade fui lá olhar . Era bonito, nós íamos ter várias salas porque ele comprou vários apartamentos, que são apartamentos pequeninhos mas ele comprou vários para juntar para fazer uma sala bonita e estava muito bonito, ele chegou a colocar as barras e tudo e aí não deu e aí foi que ele passou para a sala da rua Alberto Bins.

M.C. – E o que aconteceu com esta sala comprada?

E.B. – Ele deve ter vendido, porque não usou não. Ele ficou um tempo muito abatido porque era o sonho da vida dele e estava esperando aquilo e tudo, mas ele não deixou cair a peteca: “vamos embora, vamos para a Alberto Bins então.”

M.C. – Tu lembrás em que época foi isso? Em que turma tu estava quando isso aconteceu? Meio do curso mais para o fim?

E.B. – Preparatório eu estava, eu era... tem dois infantis, foi o segundo ano que eu estava na escola porque eu não fiz o primeiro infantil, fiz já o segundo e depois o preparatório, o primeiro ano de dança, três anos eu estava na escola. Aí ele passou para a Alberto Bins, para mim continuou uma droga, eu tinha que ir de ônibus, era aquela função, mais viajava que outra coisa. Mas era para a dança eu conseguia fazer, aí nós ficamos lá, depois ele recebeu esse convite da prefeitura.

M.C. – Tu lembrás quanto tempo ficou na Alberto Bins?

E.B. – Não ficou muito tempo. Acho que um ano, um ano e pouco ou dois. E aí nós passamos para o Araújo Viana, aí sim foi uma maravilha.

M.C. – Como que era a estrutura lá no Auditório Araújo Viana?

E.B. – Continuávamos tendo só uma sala, atrás tinha uma sala que era o vestiário da gente e os banheiros era o que ficava próximo a escola.

M.C. – Existia uma escada caracol não é? Essa escada terminava na própria sala?

E.B. – Existia, existe, para chegar na sala, eu fui lá agora o ano passado nós dançamos lá me deu uma coisa, eu nunca mais tinha entrado lá... e aí mas eles diminuíram com a reforma, eles diminuíram a sala eu não consegui entrar porque tinha um grupo ensaiando lá dentro para o festival que nós fomos e aí então eu fiquei chateada de pedir licença e entrar e tal mas fui na porta, olhei e vi eles diminuíram e aumentaram aquele coisinha que nós tínhamos lá de vestiário porque como o Araújo é redondo assim então a sala era assim, o vestiário ficava aqui assim e começa larga e no final afina. Mas a gente estava ali, estava feita a história, e foi uma maravilha, foi um tempo muito bom.

M.C. – O que tu podes dizer sobre as meninas estudarem bale naquela época? Por que motivos os pais levavam as meninas estudar balé?

E.B. – Eu acho que era pela estética, pela leveza, muitas também por problemas ortopédicos, elas entravam de botinha e saíam sem, porque o balé faz isso, coloca os pés para fora, eu tive esse experiência com a minha filha, a minha guria teve... nasceu com os pezinhos um pouco para dentro e não havia jeito, nós colocamos bota, colocamos isso, colocamos até um aparelho com uma mola que enrolava a guria não queria usar, aquela função toda aí um dia eu estava tão desesperada. Então eu pensei: “mas vem cá deixa ser burra”, o Rolla ainda existia, a escola ainda existia no Araújo Viana, aí eu disse: “mas bota ela no balé!” E ela nunca gostou de balé, nunca quis, e eu disse não, tu vai para melhorar os pés, aí eu comecei com a Vera Bublitz que era pertinho de casa ali mas a Vera ficava um ano as crianças tudo sentada no chão batendo palma, não era o objetivo que eu queria que era arrumar os pés, aí eu fui lá no Rolla e coloquei ela lá com dois anos ela botou os pés para fora. E eu disse: “tá é isso aí, é isso que eu quero.” Aí foi que eu me lembrei que as crianças entravam com botinha e saíam sem as botas. Acabavam corrigindo, eu acho que

isso a leveza, a graciosidade da menina, do corpo para tudo, eu acho que era isso que os pais buscavam.

M.C. – Era a pratica que mais se fazia?

E.B. – Sim, as meninas sim, os guris era o futebol, e as gurias era o balé, e ainda hoje ainda tem essa função do balé e do futebol para uns e para outros.

M.C. – Mas e os meninos que dançavam balé? Tu tinha algum menino na tua turma?

E.B. – Não, nós nunca tivemos meninos na turma. Ele tinha uns bailarinos, mas não eram assim fixos, eram bailarinos que vinham quando a gente precisava, mas aí bem mais velhos que a gente.

M.C. – Tu lembras das colegas da tua turma?

E.B. – Muito pouco. Uma que tem escola de balé é a Elisabete Gutierrez⁵, que era da minha turma. Depois tem outras, mas eu não me lembro assim porque entende eu larguei o balé, eu já estava na faculdade, eu entrei para a faculdade, e a vida foi num turbilhão, nunca mais pude voltar para estudar balé porque eu tinha aula de tarde na faculdade e lá as aulas eram de tarde então não casava .

M.C. – E como era o nível econômico das meninas que estudavam na escola do professor João Luis Rolla?

E.B. – Olha devia ter gente com mais poder aquisitivo, mas a maioria era classe média. E tinha gente até bem necessitada que o Rolla era o pai para todo mundo, ele não visava o lucro, ele visava só conseguir viver. Porque nem plano de saúde não fez na vida, ficamos quase loucas quando ele ficou doente. Quando a gente ficou sabendo disso e ele era assim, se uma menina dançava bem e não tinha como comprar a fantasia ele pagava a fantasia e estava resolvido o problema para poder dançar, se a pessoa apresentava habilidade, e tinha vontade, queria e não podia por problemas financeiros, ele bancava.

M.C. – E como eram as aulas do professor Rolla?

⁵ Elizabeth Gutierrez, ex-aluna da Escola de Dança João Luiz Rolla.

E.B. – Olha nós tínhamos uma hora eu acho de aula, é mais ou menos uma hora, e a gente tinha barra primeiro, depois a gente tinha a parte de centro, exercícios de centro e tal e ele era bem autoritário, isso ele era ninguém bobeava , tinha a famosa varinha [risos].

M.C. – Para que servia essa varinha Estela?

E.B. – Para chamar, porque ele como homem não podia tocar na gente, então era para mostrar que aqui estava errado, ali estava errado, para chamar a atenção ele batia na barra, para começar uma coisa e tal. Então, esse era o objetivo da varinha porque ele como homem não podia tocar na gente.

M.C. – Como era a avaliação para troca de nível?

E.B. – Era anual. E no final do ano então aquelas que tinham condições de passar ele... ele avaliava, ele dizia.

M.C. – E quais eram os níveis?

E.B. – Infantil um e dois, o preparatório e depois os seis anos de ponta. Dava nove anos de estudo.

M.C. – No final deste período havia uma avaliação para a entrega de certificados?

E.B. – Sim, no último ano. Tinha gente da escola, e tinha gente que vinha da secretaria, não sei da onde, mas vinham lá, a gente fazia prova na barra, prova no centro, depois tinha uma dança um adagio, que era... e depois tinha umas danças características e tu tinha que apresentar uma coreografia feita por ti e além disso ainda tinha um álbum que a gente tinha que fazer.

M.C. – Tu ainda tem esse álbum Estela?

E.B. – Tenho, tenho tudo.

M.C. – E como era feita a entrega dos certificados?

E.B. – Existia uma formatura no Teatro São Pedro todo mundo vestidinha de coroinha na cabeça com toda a solenidade possível e lá que entregavam o certificado. E o Rolla tinha também durante o período que a gente estudava ele dava uns quadros de bailarina para

quem se destacava, por frequência, quem não faltava nenhuma vez durante todo o ano, entende, coisas assim.

M.C. – Me fala um pouquinho então agora sobre a formação do professor Rolla. Tu sabes me dizer se ele estudou em algum lugar, como é que ele buscava a formação dele como professor de vocês.

E.B. – É ele era esportista, ele fazia salto com barras, mas ele adorava dançar e estava sempre procurando e aí eu acho que quem descobriu ele foi a Tony, não sei se porque precisava... eternamente as escolas precisam de homem e não tem, e aí ele foi estudar com a Tony, foi aluno da Tony. E depois que ele se formou e abriu a escola dele ele ia para o Rio e ia para o Uruguai e para Buenos Aires todas as férias. Férias, ou de julho ou as férias maiores ele ia fazer curso. Mas ele não ficava... era um mês que ele ia para lá ou em julho as vezes ele saía, mas em julho era meio difícil porque apesar dos colégios pararem ele não parava ele continuava.

M.C. – Ele ia fazer cursos?

E.B. – Ia fazer cursos.

M.C.- Quando ele voltava, ele contava para vocês desses cursos?

E.B. – Contava alguma coisa, mas é que eu sempre, apesar de eu ser da idade das gurias que eu te dei o nome, elas se formaram muito antes de mim, então as classes menores ele não tinha muito... eu tinha mais assim porque eu conversava muito, eu procurava conversar com ele, então ele contava: “aí eu fiz isso, eu vou lá, eu faço aquilo”. Eu adorava chegar antes principalmente no Araújo Viana, eu chegava antes, ajudava ele *todos* os dias nós montávamos a sala ali para mesa dele, as coisas dele e tal e aí eu ficava conversando e aprendi muito com ele parte de espetáculo. Pois o Araújo era uma coisa de louco... logo que começou tinha um painel lá na frente que tinha toda a vida cultural da cidade, o que a Zero Hora faz hoje, o Araújo tinha! Toda a vida cultural de Porto Alegre estava naquele painel. Então ele entrava, olhava e aí eu dizia: “e aí seu Rolla o que tem de bom? ah tem isso, tem aquilo, faz isso, faz aquilo, vai aqui ou vai ali.” Então eu adorava isso! Então eu ia bem cedo, bem antes da minha aula só para conversar, para ficar ouvindo ele.

M.C. – Eu também tenho registros que ele convidava professores de fora, estrangeiros para dar aula na escola. Tu lembras de alguma passagem assim?

E.B. - Eu lembro que ele convidava, mas eu nunca cheguei a fazer aula com esses professores porque eram para as turmas mais adiantadas.

M.C. – E ele sempre te deu aula Estela ou teve outra professora?

E.B. – Não, ele sempre me deu aula. As mais adiantadas chegaram a dar aula, mas não. A Eda⁶ que foi uma das alunas dele, a Eda dava a parte de interpretação para a prova final. Então ela tinha uma historinha que ela contava e a gente tinha que fazer os gestos, ela explicava para a gente, foi a única, que o resto era sempre ele que nos deu aula. E a minha filha quase teve aula com ele, não teve porque no período que eu a levei ele já estava com problema de visão bem feio então aí quem dava a aula eram as gurias, essas mais velhas.

M.C. – Mas ainda trabalhando mesmo com problema de visão Estela?

E.B. – Sim a gente ficava furiosa com ele porque ele dizia: “ai eu não enxergo nada, não enxergo nada!” Mas se tu colocasse um pé fora do... ele dizia: “olha lá a fulana!” Como é que o senhor não enxerga, como é que viu o meu pé? [risos]

M.C. – Sim, muito bem. Então vamos ver, tu conviveu com algum colega ou tu te lembra de algum colega que despontou profissionalmente na dança na tua época?

E.B. – Tem várias, que foram para o exterior que ele ficava bem faceiro e tudo, a Manon⁷ uma que era super aluna dele e tal, foi para o Rio também. A Zelira⁸ essa que eu te dei o nome, ela era professora aqui na ESEF, a Zelira era ótima professora e agora eu assim... e tem um até que eu trouxe para ti ver aqui a... eu sai da escola e aí eu fiquei meio ano estudando para fazer vestibular, eu saí em julho eu comecei para fazer o vestibular, porque eu me formei no normal eu tinha que fazer estágio, então durante o estágio eu não consegui eu não conseguia fazer nada, era só dar aula e fazer aqueles preparativos todos, aí em julho eu me formei no normal aí eu comecei o cursinho pré-vestibular para fazer e nesse intervalo eu fiz um curso de teatro e lá a gente tinha que fazer um auto de natal. Pensei o que eu vou fazer? Eu não gosto de falar em público, nem sei, ai eu vou ser uma ovelhinha bem quietinha, só ficar ali fazendo porque tinha que participar. Aí eu me lembrei que nós

⁶ Eda Homrich da Jornada, ex-aluna da Escola de Dança João Luiz Rolla.

⁷ Manon Freire, ex-aluna da Escola de Dança João Luiz Rolla.

⁸ Zelira Eichemberg, ex-aluna da Escola de Dança João Luiz Rolla.

tínhamos uma roupa da coreografia que dançamos com o Rolla da orquestra que era toda fechadinha . Eu era um violino então tinha o cabinho do violino. Daí eu disse: ah é esta aqui, peguei tirei o cabo do violino, cobri tudo de algodão, toda ela de algodão e eu sou a ovelha, aí que eu fiquei vendo como a gente está dentro de um negócio, a gente não nota que as pessoas tem um preconceito. Uma roupa de algodão grossa que nem marcava as linhas do corpo, não marcava nada porque era horrível toda cheia de algodão, ai tu vai sair assim no corredor do Colégio Rosário, digo: “mas eu estou vestida, totalmente vestida, coberta até aqui assim, qual é o problema?” “Ah mas está de mais”, eu achei tão gozado porque para mim a malha era uma coisa tão normal, natural, ainda mais aquela, se fosse uma malha de hoje que fica bem justinha que marca tudo, mas aquelas não marcavam nada, elas eram grosseironas, horríveis. Aí um colega meu lá me disse: “Estela tu estudaste balé?” E eu digo: “sim estudei.” “Ai eu tinha uma vontade louca de estudar balé!” E eu disse: “o Rolla sempre precisa de homem ... tu quer eu te levo lá no Rolla”, marquei com o seu Rolla aí eu disse olha vou te trazer um homem aqui que quer estudar balé. Aí ele foi, anos mais tarde eu fiquei sabendo que o cara era um seminarista, ele estava fazendo um curso de inglês, não sei o que lá em São Leopoldo não sei aonde e ele veio para Porto Alegre e aí ele dizia para a família que ele continuava fazendo o curso e estava fazendo balé e a família não sabia, resultado foi para a rua do seminário, foi para a rua de casa [risos] mas viveu uma história lindíssima com o Rolla, porque o Rolla adotou ele, abriu a sua biblioteca para ele, fez tudo sabe, uma coisa assim quando ele escreveu para o livro do Rolla ele me mandou primeiro para eu encaminhar para o livro ai eu fiquei assim enlouquecida de saber tudo que ele tinha vivido com o Rolla e eu digo: “está vendo aí...” [risos] é uma coisa assim... aí que eu fiquei sabendo que ele era ex seminarista, que a família ficou enlouquecida com ele porque ele saiu de lá e esse guri ele estudou com o Rolla depois ele foi para Montevideú, foi para Buenos Aires e depois ele foi para o balé Stagium de São Paulo e ele hoje em dia ele está aposentado do palco mas trabalha com as crianças, eu nunca mais vi o Ademar⁹.

M.C. – Muito bem, então agora me fala um pouquinho sobre os espetáculos, como acontecia a concepção dos espetáculos?

E.B. – Ele de uma hora para outra dizia vai ter espetáculo, cada turma tinha uma dança diferente. Então ele fazia o... bolava lá como é que ia ser e distribuía na escola, nas turmas

⁹ Ademar Dornelles Patta, ex-aluno da Escola de Dança João Luiz Rolla.

e aí cada uma era uma coisa. Ele coreografava e dançava também. Eu ainda peguei ele dançando. Ele participava com as maiores, mas eu ainda peguei ele dançando. Cheguei assistir ele dançando.

M.C. – E como era a assistência, o público e qual o retorno sobre esses espetáculos em jornais, tu te lembras de ver alguma coisa em jornal?

E.B. – Sim a gente esperava o Aldo Obino , a gente ficava enlouquecida depois do espetáculo para ver as críticas do Aldo Obino. Porque o Rolla sempre foi muito para frente de todos esses bailarinos que tem por aí. Ele fez coisas que nenhum bailarino tinha ousado fazer, ele fez.

M.C. – O que mais te marcou Estela nos espetáculos que tu participou?

E.B. – É a parte, não o balé clássico assim de *tutu* porque isso era uma coisa muito normal que a gente achava... me marcou coisas assim que ele fez... uma vez ele fez 2001 que foi o balé que ele mais amou na vida, ele viu o filme e transformou para nós, ele fez essa orquestra também que foi a coisa mais linda do mundo, nós éramos todas instrumentos da orquestra, existe um disco sobre os instrumentos da orquestra que tocam de vez em quando, então cada vez que um instrumento tocava só aqueles instrumentos tocaram então a gente descia de uma escadaria que estava no palco, vinha para a frente, o instrumento funcionava, depois tu subia de novo, todas nós éramos, não tínhamos rosto nem nada, era tudo tela no rosto era aquele filó cinza e o instrumento desenhado por exemplo o violino era o cabinho de violino na cabeça... foi muito bonito e outras assim que eu agora não me lembro mas uma que ele sempre contava que ele fazia o Assassinato na décima avenida, esse eu vi, ele foi levar em Caxias e o cenário era boate , e as gurias tudo de vestido de veludo com umas fendas e tudo e ele dançava junto o Rolla e quando saíram do espetáculo no ônibus os caras de Caxias queriam as gurias para fazer programa, eles não entenderam que aquilo era uma dança, era uma coreografia.

M.C. – E tu lembra o que ele falou o que fez nessa situação? Ele teve que falar?

E.B. – Não, não ele dizia: “não, não, não, isso aqui são bailarinas, isso aqui é uma coreografia, não, não, não vocês estão pensando errado, são minhas alunas, não, não tem nada nada.” Botou as gurias para dentro do ônibus e fim.

M.C. – Tu chegaste a participar dessas viagens para apresentar?

E.B. – Não. Eram só adiantadas. Uma coisa que eu gostei muito foi que nós éramos obrigadas a dar um espetáculo todos os anos pela ocupação da sala no Araújo, de graça para todo mundo e participar das coisas que aconteciam no Araújo, eu dancei a ópera Aída e o Trovador, vinham as fantasias do Rio, do Municipal do Rio e a gente fantasiava e o Pablo Komus que eu amava de paixão, que velho mais querido. Pablo era enlouquecido, ele montou a ópera Aída com bicho do zoológico, com as feras que vinham e tudo foi uma coisa assim espetacular no Araújo Viana e o coral era da prefeitura e claro a gente tinha que passar por eles ficavam no fundo, e a gente tinha que passar e sempre tinham os engraçadinhos... Aí o Rolla reclamava, me lembro que ele disse: “o Pablo, as meninas são da escola de dança, elas não são outra coisa, quem resolver passar mão nas gurias vai para a rua! Nós estamos aqui fazendo arte, nós não estamos aqui para outra coisa.” Ah e o Rolla, bah! Aquela escada de caracol ali em época de apresentação ninguém subia ali, era só nós.

M.C. – Por quê?

E.B. – Para não ter essa função, porque o pessoal da prefeitura não era santo. Então aí ele disse: “não as minhas alunas!” Ele não deixava ninguém tocar em nós.

M.C. – Ele era protetor?

E.B. – Era, era um pai protetor, era um pai protetor, muitas das gurias tinham ele até como pai assim porque ele dava conselho. Eu tinha paixões por ele, paixões mesmo [ênfase] por ele e ele tinha essa coisa assim de família, de ajudar, de dar conselho, de proteger a gente e tudo...

M.C. – Muito bem Estela, nos quadros da escola aparece a descrição balé clássico e dança característica. O que era essa dança característica?

E.B. – Ah a dança característica era em julho que a gente fazia então era tipo cossacos, sabe a russa, sempre tinha uma dança meio folclórica assim essa dança característica era isso.

M.C. – Tu diz em julho por quê?

E.B. – Não sei por que, era geralmente em junho, julho que a gente tinha, eu tinha horror daquilo porque eu não gostava, gostava da dança, mas eu não gostava das aulas porque aí invés de tu esticar o pé como o de bailarina, tinha que fazer o pé virado para cima.

M.C. – Ao invés de tu fazer os pés estendidos tinhas que fazer flexionados?

E.B. – É isso, porque a dança característica não tem esse pé de bailarina tem o pé para cima. Eu não gostava da barra, eu gostava da dança, eu adorava aquelas czardas, aquelas coisas eu tinha paixões mas aquela função de dançar com o pé para... tu lutava para botar o pé direito para baixo depois tinha que aquele mês todo era assim.

M.C. – E porque que ele usava esta técnica qual a justificava?

E.B. – Nunca justificou, eu não me lembro de justificativa, quando eu entrei já existia, todo mundo obedecia e pronto. E ele dizia, esse mês é o mês da dança característica e tal, então a parte de centro toda era em função dessas czardas essas coisas assim.

M.C. – Certo e após tua formatura tu continuou na dança?

E.B. – Não, eu não continuei dançando por causa da faculdade, eu estudava na PUC era de tarde das duas às seis da tarde, então não tinha condições e naquela época não existiam os ônibus T¹⁰ [riso] , eu morava nessa época lá em cima uma quadra para baixo da avenida Carlos Gomes eu em dez minutos eu podia estar na PUC, mas eu tinha que ir ao centro e do centro pegar um ônibus para ir para a PUC e a mesma coisa na volta, eu pegava um ônibus na PUC ia até o centro do centro pegava um ônibus para ir para casa, não tinha corredor do ônibus, os ônibus eram junto com os carros tudo misturado eu levava as vezes uma hora para vir do centro até em casa. Depois eu me formei em setenta e um e em setenta e dois comecei a trabalhar e aí eu sempre assistia espetáculos e filmes e coisas assim, isso sempre foi, mas eu não tinha condições de fazer mais aulas , ir aos espetáculos do Rolla, fazer as coisas, sempre andar por perto dele sempre que eu procurei.

M.C. – Então me conta como era esse andar por perto, tu fazia visitas? Tu ia até a escola?

E.B. – Eu ia até a escola, eu falava com ele, eu uma vez eu fui assistir um espetáculo até com meu marido, naquela época nós éramos noivos e aí nós fomos assistir um espetáculo de balé se não me engano era da Márcia Haydée que veio no Gigantinho, no pequeninho

¹⁰ Linha de ônibus municipal de Porto Alegre.

ali, e eu de binóculo eu vi onde o Rolla sentou. E eu disse: “Délcio o Rolla está sentado lá”, tudo bem. A coisa desenrolou, a gente assistiu o espetáculo enquanto estava quase finalizando eu olhando de binóculo eu vi que ele saiu meio assim carregado e tal, digo: “ué o que aconteceu?” Aí quando terminou e a gente conseguiu descer e acenderam a luzes e tudo, eu fui procurar para ver onde é que ele andava ele tinha tido pico de pressão tinha ido a vinte por não sei quanto a pressão dele, tremia feito um louco, aí eu cheguei lá e disse: “o que houve seu Rolla? Não sei Estela eu estou tremendo, não sei o que.” Aí eu fiquei lá, eu disse para o Délcio: “vamos ficar com ele aqui porque ele não tem ninguém que vai para casa com ele”, aí ficamos ali esperando que a pressão dele baixasse um pouco e tal a coisa, quando baixou a pressão aí nós levamos ele para casa. Depois eu acompanhei, cobrava dele porque homem sabe como é não vai a médico, não quer, não vai passar, não sei! Eu digo assim: “porque daqui a pouco vem outro espetáculo o senhor tem outro pico!” Ele: “Para, para, para aí tá!” Até que ele foi ao médico, ele morava com as irmãs tudo já mais velinhas que ele. Depois quando a minha guria foi para a escola ela ficou dois anos lá e ele fechou a escola. Aí ele estava bem ruim dos olhos e tudo, ele morava bem na frente do Araújo Viana, num apartamento alugado. E aí eu sei que ele estava ruim da visão e ele disse: “eu vou fechar a escola, vou fechar a escola”, e andou se incomodando lá e tal e disse: “eu vou fechar a escola.” Digo: “ah não seu Rolla não fecha a gente...” e a Neusa Canabarro¹¹ também queria tirar ele a todo pano lá de dentro, parece que ela tinha uma irmã que era bailarina, qualquer coisa assim, mas depois no fim não deu em nada e ficou sem ninguém no Araújo e o Araújo se foi. Foi bem nessa época e aí ele saiu da escola e fechou e ele meio que tentou dar aula ali perto tinha que ainda funciona ali na Redenção uma aluna dele, foi lá na Bete¹² também, mas era muito difícil para ele porque aí ele tinha que se locomover de taxi, ele já não enxergava direito aquela coisa toda e depois também em casa começou a ficar muito perigoso ele deixava o fogão ligado, ele não... e aí não enxergava direito e tal e ele como não tinha ninguém ele não tinha mais irmãs, já tinham tudo morrido, eles eram dez filhos e ele era o último aí as sobrinhas botaram ele numa clínica e aí foi um tempo que ele ficou ali na avenida José Bonifácio.

M.C. – É uma clínica que tem na José Bonifácio?

¹¹ Ex-secretária da Educação do estado do Rio Grande do Sul.

¹² Elizabete Gutierrez, ex-aluna da escola de dança João Luiz Rolla.

E.B. – Onde é o Colégio Projeto hoje, ali era, Schaidler¹³ uma coisa assim, e nesse meio tempo eu me aposentei. Quando ele foi para essa clínica lá eu me aposentei no colégio aí o meu marido tinha agencia de turismo bem para cá onde tem uma creche ali, lá no fundo da creche na José Bonifácio. Então eu ia para lá as vezes trabalhar com ele e dava umas fugidas lá para ver o Rolla e eu saia com ele, ele adorava. “Vamos passear Estela, vamos, vamos passear!” Então ele vinha agarrado em mim e eu passeava ali porque ele andava por tudo ali ele adorava cortar o cabelo, fazer as unhas aquelas coisas todas mas ele não nunca fez um plano de saúde, ele nunca fez uma aposentaria, nunca fez nada então nós conseguimos um... na Assembleia¹⁴ que dessem... o IPE¹⁵ dava trezentos pila para ele por mês, mas era aquilo trezentos pila tu não paga nem a clínica. Então a família cobria o resto aí ele me dizia: “pois é eu só ganho trezentos”, e eu dizia: “seu Rolla o senhor nunca fez nada, a gente conseguiu a pau e corda isso.” e eu perguntava: “mas o quê que o senhor quer?” “Ah eu queria cortar o cabelo, fazer as unhas.” Digo: “ah mas vamos lá” Mas aí diz ele assim... a primeira vez eu levei, eu não estava muito acostumada com velho ainda porque meus pais ainda não estavam assim dependentes da gente, aí eu cheguei lá e tal, foi lá cortou o cabelo, fez as unhas e eu fui lá e paguei aí na segunda vez que eu fui ele disse assim para mim: “tu não fica braba?”, digo: “por quê?” “Em vez de tu pagar tu me dá o dinheirinho eu boto no bolso da camisa e eu pago, depois eu peço para a Chica que era sobrinha dele, eu peço para a Chica te pagar.” Eu digo: “não, não precisa me pagar mas tudo bem, o senhor quer o senhor pagar tá desculpe eu não entendi antes”, aí eu mais ou menos já sabia quanto custava o cabelo e as unhas, aí eu atravessava a rua antes eu ia lá marcava com o cara porque para a gente chegar e ser atendido e tal aí ele botava no bolso da camisa dele ele ia lá pagava, aí das últimas saídas que eu fiz ali na José Bonifácio foi o Araújo Viana que ele queria ver como é que estava o Araújo Viana, estava demolido, totalmente demolido aí nós fomos entrei por trás do Araújo Viana com ele e digo: “olha seu Rolla eu vou lhe dizer uma coisa, nós vamos mas o Araújo não é aquilo que o senhor tinha pensado, o Araújo está demolido e eles não fazem nada” e ficou e ele morreu e o Araújo não tinha coisíssima nenhuma, mas ele encontrou ainda o João¹⁶, não sei quem lá, as pessoas que trabalhavam na época que ele dava aula, e aí ele falou com as pessoas, o pessoal todo veio cerca-lo e aquela coisa toda e tudo aí ele disse: “é realmente Estela é

¹³ Nome sujeito a confirmação.

¹⁴ Assembleia Legislativa do Estado RS.

¹⁵ Instituto de Previdência do Estado RS.

¹⁶ Nome sujeito a confirmação.

horrível...” Na sala dele nós nem conseguimos chegar porque era andaime para tudo que era canto, mas andaime tudo parado... tudo assim atirado horrível, os bancos tudo quebrado digo: “aquele Araújo que nós conhecemos seu Rolla não chega nem aos pés é uma coisa, isso aí é um desespero” Depois a sobrinha dele tirou ele dali passou ele lá para a Vila Nova, não sei para onde, lá eu nunca fui, era muito longe e tal e ele também não se adaptou lá porque aí ele ficou completamente longe porque não era só eu que ia tinha várias alunas que iam visitá-lo. Depois ele foi para uma clínica lá na Dom Pedro o Vila das Flores¹⁷ não sei o que.

M.C. – Ainda existe Estela? Na avenida Dom Pedro aqui?

E.B. – Existe. Não, não é na Dom Pedro é na Carlos Von Coseritz foi a última e aí a gente ia lá a gente teve uma época que ele estava caindo a prótese, ele emagrecia e a prótese começou a soltar, aí eu consegui que a minha dentista fosse lá na clínica nós nos combinamos as ex alunas e fizemos, eu levava ela lá na clínica, ela ia lá, era um desespero porque a gente ia lá tirava o molde, quando ela voltava com a dentadura ele tinha emagrecido de novo e agora eu fiquei sabendo que isso é uma coisa dos velhos a gengiva vai secando e aí bah ficava frouxo de novo assim nós fomos quase um mês nessa farra aí ela disse ai surgiu um negócio gurias é mais caro mas eu acho que nós vamos resolver o problema do Rolla eu disse o que que é? Vamos a gente faz a gente se cotiza de novo te paga aí era um tipo de um silicone que punha por dentro e aquele silicone grudava na gengiva e aí foi que resolveu.

M.C. – E quando tu fala nós nos cotizamos tu te referes a quem?

E.B. – As ex alunas. Essa turma a Zelira, a Tânia¹⁸, a Sandra¹⁹ com essas mais que eu falava entende a Carlota²⁰ também toda essa turma que estava sempre as voltas com ele.

M.C. – E o final? Tu chegou a viver alguma coisa desse momento final assim, realmente da despedida do seu Rolla aqui?

E.B. – Bom é... eu fiquei super chateada porque eles não nos avisaram que ele tinha baixado hospital.

¹⁷ Geriatria Morada das Flores.

¹⁸ Tânia Heloisa de Araujo Arigoni, ex-aluna da escola de dança de João Luiz Rolla.

¹⁹ Sandra Rosado, ex-aluna da escola de dança de João Luiz Rolla.

²⁰ Carlota Albuquerque, ex-aluna da escola de dança de João Luiz Rolla.

M.C. – Quando tu diz eles tu te refere a quem?

E.B. – A família, eles não nos avisaram, ele já estava a mais de duas semanas no hospital, ninguém nos avisou.

M.C. – Que hospital ele ficou?

E.B. – Na Beneficência Portuguesa, nós ficamos furiosas de braba porque tinha uma guria que era do hospital Maia Filho ela deixou endereço, deixou tudo que se ele ficasse doente era só para chamar que eles iam lá buscavam e ela tomava conta dele lá no hospital que era do pai dela e tal. Eles nunca chamaram, nunca.

M.C. – E tu sabe me dizer por que Estela, existia alguma animosidade assim entre os familiares ou alguém específico?

E.B. – Não, eu acho que eles estavam até que assim entende porque como eles não tinham... Como ele não tinha família as irmãs já todas morreram e tudo só sobrou as sobrinhas e como ele estava sempre as voltas com a escola era uma queixa que eles faziam que essa turma fazia porque as irmãs não se queixavam disso mas elas diziam que ele era muito ausente da família. Porque a vida dele era a escola, a família dele era a escola por isso que a gente sempre... e aí eles nos avisaram a noite eu no outro dia disse: “Délcio²¹ amanhã eu vou lá ver o Rolla” Quando eu estava me arrumando para ir diz o Délcio: “não vem nenhuma das minhas funcionarias vem para cá que eu estou sozinho” não sei o que. Digo: “eu disse que eu ia ver o Rolla”, “ah mas vai amanhã, vem hoje aqui” e eu fui, que raiva que me deu a sorte que eu tinha combinado com a Eda e a Eda foi e ele nos esperou para morrer. Ele se abraçou na Eda e disse agora eu posso morrer. No dia que era para eu ir, era eu e a Eda que íamos, ela foi eu liguei para ela digo: “olha estou presa aqui na agencia,” diz ela: “não, mas eu vou” e ela foi. E ele se agarrou nela disse: “agora eu posso morrer, vocês estão aqui.”

M.C. – Isso era uma ligação muito forte com as alunas não é Estela?

E.B. – Sim, e ele perguntava para mim quando ele estava na clinica: “Estela como é que eu vou chegar sozinho lá em cima.” “como é que é morrer? Como é que é lá?” Digo: “seu Rolla eu nunca morri, não sei seu Rolla”, aí estava passando aquela novela A Viagem, tu lembra? Passava o céu não sei o que eu dizia: “seu Rolla olha aqui oh, é isso aqui o céu é

²¹ Nome sujeito a confirmação.

a... é o céu da Globo aqui oh, olha aqui como é que é.” Aí ele me disse assim: “tá mas e eu vou chegar sozinho?” Digo: “sozinho seu Rolla? Seu pai, sua mãe, seus nove irmãos estão lá em cima, vão tudo lhe receber de portas abertas o senhor é o último, vai todo mundo lhe receber, não vai chegar sozinho.” “E como é que vai ser aqui? Vocês são tudo mulher, como é que vão me carregar?” Eu disse: “seu Rolla hoje em dia a gente não carrega mais, a gente não faz força tem aquele carrinho nós vamos segurar o senhor mas o carrinho é que vai levar nós não vamos fazer força.”

M.C. – E quem conduziu Estela? As alunas?

E.B. – Nós. Nós sim, foi muito bonito, todas nós, toda essa turma que está sempre funcionando.

M.C. – E os familiares não se opuseram Estela?

E.B. – Eles ficaram bem assim conosco, mas nós não estávamos... quando nós estávamos em grupo oh.... não estávamos nem aí para eles.

M.C. – Que lindo, eu não sabia disso, desse detalhe.

E.B. – Foi. Ele foi enterrado na Santa Casa, foi velado na Santa Casa ele morreu de manhã até que liberassem o corpo e tal, aí ela ficou só um pouquinho de tarde lá e elas fecharam a noite não ficou ninguém, ficou sozinho e abriram no outro dia as sete horas da manhã e as gurias trouxeram toca disco com balé e foi tão interessante estava sempre aquele toca disco tocando músicas de balé e coisas assim e na hora do enterro quando começou a gente peregrinar porque a Santa Casa eu nunca tinha entrado lá é enorme até que tu vá porque era jazigo de família sabe, tinha que abrir a tumba tirar tudo, era na terra aquela coisa toda, aí eu sei que as gurias colocaram se não me engano era Schumann alguma coisa assim era um balé que ele fez elas colocaram no inicio do balé aí nós fomos todo tempo e aquele toca disco tocando, e nós levando ele até lá quando nós chegamos que iam mexer com o caixão para colocar no jazigo foi o final, o acorde final e aí tinha o aplauso do público. E aí nós aplaudimos junto com ele e estava o Cláudio Erma²² que... ele disse assim: “só vocês mesmo, só o Rolla para ter isso que está tendo porque ninguém vai ter isso, eu posso morrer ninguém vai fazer isso para mim.” Foi uma coisa assim super emocionante a gente ficou toda... porque foi assim, não foi planejado a gente colocou para acompanhar mas

²² Nome sujeito à confirmação.

nunca achou porque nós também nenhuma de nós eu acho que tinha noção de quão longe era o jazigo lá na Santa Casa e sobe rampa e desce rampa e vai para lá e vai para lá e nós carregando ele até quando ele então aí foi aplaudido aí desceu o cachão.

M.C. – Estamos chegando ao final, e gostaria de deixar em liberdade para dar um depoimento ao concluir esta entrevista.

E.B. – Eu queria te mostrar, é isso que eu te falei, se tu quer xerocar, foi o álbum que eu fiz tipo um trabalho de faculdade, e que ele amou de paixão porque ele se sentiu assim super importante depois ele queria saber que nota eu tinha tirado e não sei mais o que, aí eu xeroquei, fiz um igualzinho para ele e ele tinha até o final da vida dele na mesinha de cabeceira lá na clinica, cada um que chegava ele mostrava.

M.C. – Foi o teu trabalho de conclusão Estela?

E.B. – Não foi um trabalho assim... é que eu para entusiasmar ele para... porque as vezes eu chegava lá ele não tinha mais assunto para falar, apesar de eu levar recorte de jornal, de espetáculo, olha está acontecendo isso, está acontecendo aquilo, está acontecendo aquilo outro mas chegava uma hora que não... eu ia quase todos os dias na clínica, não tinha... ele era esperto, ele foi lúcido até o final , aí um dia eu disse assim: “eu hoje vou diferente” porque ele disse assim para mim: “Estela de noite dão um remédio para todo mundo, quando chega as sete horas está todo mundo dormindo e eu não tomo aqueles troço aquele chá que eles dão, eu peço o chá, pego essa água quente, eu tenho meu chá aqui eu tomo aquilo eu não tomo aquele troço que vem porque aquilo é só para dormir eles dão para todo mundo” e eu: “ah seu Rolla não pode dar uma coisa indiscriminada assim para todo mundo”, ele não tinha noção de clínica, eu também não sabia essas coisas, aí eu disse, não hoje eu vou... Eu não tinha a primeira aula na faculdade eu vou para lá , depois eu pego o ônibus e vou para... aí fui, aí eu fiquei disse para a guria da recepção ah hoje eu vou ficar um pouquinho mais com o seu Rolla porque ele quer que eu fique aqui de noite com ele um pouquinho e tal aí fiquei, realmente quando foi sete e meia ninguém mais estava vivo dentro da clínica todo mundo dormindo e ele dizia, aí ela veio com o tal do chá numa jarra e ele disse assim: “tu tá vendo?” “Não minha filha eu quero água quente o chá eu tenho aqui dos que eu gosto de tomar” dai ele disse assim: “está vendo? está louco que vou tomar isso não tomo esse chá está todo mundo dormindo já,” Ficava uma menina de vinte anos para dois andares de clínica com todo mundo e realmente era isso que faziam, claro davam

calmante naquele chá sei lá o que que botavam todo mundo dormia mesmo e ele ficava. E lá uma vez tinha uma meio sei lá acho que era Alzheimer não sei ela não ficava de pé só no leito, ela subiu as escadas e quando o Rolla deu uma cochilada ela estava com uma coisa para matar ele aí quando ele se acordou ficou louco: “ela queria me matar Estela, ela queria me matar.”

M.C. – E ele te contava Estela?

E.B. – Ele me contava tudo, nós conversávamos horas eu ia para lá e ficava conversando com ele.

M.C. – Então tu foste uma das alunas que mais ficou com ele neste período?

E.B. – Sim nesse final assim de visitar, de fazer festa para ele, de fazer todas essas coisas eu fui, por isso que as vezes... agora já passou isso mas logo que ele faleceu eu me culpava muito porque naquele verão eu... aí surgiu uma série de coisas na minha casa, com meus pais, com o meu marido, que ficaram doente disso e aquilo, e eu meio que estava assim estressada digo aí eu chamei as gurias, digo: “assumam o Rolla agora porque eu não estou muito, estou muito estressada, eu vou dar um tempo”. Porque se não é mais uma coisa, eu estava muito... E eu fico com pena porque que eu não... E ele caiu na clínica e a família não chamou ninguém por isso que ele faleceu, porque ele tinha quebrado a bacia e aí ele tinha dor e não chamaram ninguém, ele foi para cima da cama, não se mexia mais e os órgãos depois foram parando, foi por isso que ele morreu, porque se não estaria... Duraria mais tempo. E a gente fica com raiva assim nós todas ficamos com raiva, por isso que nós temos raiva da família porque tinha lá a guria ia buscar de ambulância levar para o hospital fazer tudo por ele porque que eles não chamaram, acho eles estavam loucos para se ver livre, porque era novecentos e poucos que pagavam de clínica para ele... Bom e este trabalho aqui foi o seguinte aí o professor sugeriu, pediu isso que tinha que ser uma pessoa que tinha nascido em Porto Alegre e morado a vida inteira em Porto Alegre e que tinha que ter oitenta ou mais que oitenta, e eu peguei o Rolla, eu gravava num gravadorzinho assim as coisas, aí chegava em casa copiava tudo, transcrevia, aí levava transcrito para ele num papel, aí ainda ele não enxergava mas me corrigia porque ele dava um nome lá dos liceu não sei o que em francês e eu errava, ah mas ele: “Aqui não é assim Estela é não sei o que não sei o que” Eu corrigia tudo aí então ficou tudo que ele contava desde... Da vida dele aqui em Porto Alegre, eram dez filhos, as festividades que tinham, e como é que ele

gostava de dança, como é que ele via a dança, em lugares que ele não tinha condições financeiras de entrar ele se dependurava nos muros para assistir, uma série de coisas e a vida dele até rapaz e coisa, ele conta tudo aqui e aí ele... Aqui foi no meu aniversário quando eu fiz cinquenta anos, ele foi lá em casa e as gurias levaram, foi uma festa surpresa eu não esperava e eu descobri a festa porque eu fui levar um cachorro na rua e dei com o Rolla lá, eu pensei o que o Rolla está fazendo na minha casa, no salão de festas em baixo, e eu sou muito observadora, está todo mundo quieto lá para dentro mas eu vi o Rolla, e pensei o que o Rolla está fazendo aqui? A minha filha convidou as gurias todas e a Eda levou o Rolla, passou lá na clínica e levou. Aqui no livrinho... Esse Davi Canabarro que estava junto com ele, ele era de teatro e coisa e... Esses dois que fizeram o livro já se foram.

M.C. – Mas tu ajudou no livro Memórias de uma sapatilha também Estela?

E.B. – Sim, eu fiz entrevistas loucas e... Oh! Se está nessa aqui que eu queria que tu falasse, não é a Sônia Rodrigues, não é outra, oh essa aqui é a Sandra que eu te dei o nome, a Lenita Ruschel fui eu que entrevistei, a Erenita²³ já morreu. Tem, Maria Walesca²⁴, esse é o Ademar Dorneles, onde é que está a Eda? Aqui tem... Esse aqui quando ele faleceu, os convites de coisa, fomos tudo nós que colocamos, toda a função é nossa, a família só fica... Aqui oh! Eda da Jornada. É professora universitária. Essa a gente te consegue, eu não tenho o telefone da Eda mas a gente te consegue a Eda é muito bacana também.

M.C. – Esses recortes de jornal que acompanham o trabalho podemos fotografar?

E.B. – Tá. Esse aqui oh, eu tinha a revista Veja, mas nos cem anos dele eu emprestei e não voltou.

M.C. – Existe uma revista Veja que fala dos cem anos dele?

E.B. – Ah esse aqui é o recorte também saiu quando ele fez... na Assembleia, esse aqui é um programa. Está lindo esse. E aqui é o depoimento, esse aqui é lindo se tu olhar, é o depoimento daquele que eu indiquei para ele, do Ademar Dorneles.

M.C. – Ah esse aqui é o que foi para o livro?

²³ Erenita Parmeggianni, ex-aluna da escola de dança de João Luiz Rolla.

²⁴ Maria Waleska de Souza Van Helden, ex-aluna da escola de dança de João Luiz Rolla.

E.B. – É, esse é que foi para o livro.

M.C. – O original que foi para o livro.

E.B. – É esse é o original. Só que no livro elas mudam um pouco, elas corrigiram português, e não sei o que. E esse aqui não, esse aqui é...

M.C. – Bem todo esse material que tu está trazendo se tu quiseres a gente pode escanear tudo, fotografar tudo e te devolver. E eu posso fazer isso no dia em que eu te entregar a entrevista para revisão.

E.B. – É isso, a Sandra Andreatta que tinha gente conhecida e nós conseguimos essas coisas todas.

M.C. – E o teu álbum Estela, tu tem o teu álbum?

E.B. – Tenho.

M.C. – Tu também podia me emprestar para e fotografar?

E.B. – Posso, posso te emprestar, no álbum a gente tinha que fazer uma... Assim falar sobre a dança e tal e como se daria aula e tal e posições, não sei o que... e a minha irmã que agora está falecida é que serviu de modelo [risos]. Sim eu fotografei ela lá em casa e depois botei no álbum, mas é um troço desse tamanho [risos]

M.C. – Mas então era isso, a gente pode ir concluindo eu vou te entregar esse material junto com a entrevista para tu corrigires. Tu quer dizer mais alguma coisa?

E.B. – Olha...Eu acho assim é que todo mundo que eu entrevistei, pessoal para fazer o livro esse aqui as pessoas diziam: “só o Rolla!” “Nós jamais vamos ganhar isso que vocês estão fazendo” Porque o que nós nos matamos entende, procurando gente aqui, gente ali, indo nos lugares, entrevistando, fazendo o livro e tudo a exposição que nós fizemos quando ele fez esse cinquenta anos de dança tudo e tudo de amor de graça não é? E tudo porque a gente gostava dele porque a gente queria fazer as coisas, então o pessoal dizia... A Vera Bublitz foi uma que disse, a outra a Salma Shemale essa que eu não me lembrava...

M.C. – Essa foi a primeira escola que tu foi.

E.B. – É foi, ela dava aula ali no Petrópolis Tênis Clube.

M.C. – Mas nenhuma das duas estudou com o Rolla? Nem a Vera nem a Salma.

E.B. – A Vera parece que andou fazendo umas aulas com o Rolla uma coisa assim, a Salma eu não sei. A Lenita sim era aluna do Rolla e aquela ali da Redenção também foi aluna do Rolla. Mas depois tem a Beth que foi aluna do Rolla, a Erenita essa que faleceu tinha escola lá em Canoas também era aluna do Rolla. E elas disseram que isso que nós fazíamos pelo Rolla elas não iam ter das alunas delas. Porque são mais comerciais.

M.C. – Ele não era?

E.B. – Não.

M.C. – O que ele era então?

E.B. – Ele era um visionário, ele era uma pessoa pela arte, arte, arte, arte e ele nunca pensou nele, tanto que ele não tinha um plano de saúde, ele não tinha aposentadoria, não tinha nada, não tinha apartamento próprio, não tinha nada, nada, nada, nada, nada, nada, ele vivia com o que a gente pagava nas aulas e pronto e quando ele ficou velho ele não tinha nada, e aí entramos nós [risos].

M.C. – Voltaram vocês?

E.B. – É aí voltamos nós a suprir e ele... e ele se sentia super amparado tanto que ele esperou, tu vê, estava mal, mal, mal, quando eles viram que ele ia morrer aí eles nos ligaram para dizer que ele estava hospitalizado, fazia mais de duas semanas que ele estava hospitalizado e a gente não sabia. E aí eles telefonaram porque se não eles iam ver o que era bom para a tosse [risos] e ele esperou aí disse ele: “agora posso morrer tranquilo”, ele disse para a Eda e se agarrou na Eda e faleceu, ele se sentia seguro, ele sabia que aí nós estávamos ali para fazer tudo o que tinha que fazer, porque ele não confiava na... ele disse: “não adianta Estela não adianta é vocês” e... mas ele tinha uma preocupação muito grande, “eu sou pesado, como é, vocês são só mulheres como é que vai ser”, eu digo: “não se preocupe sabe que as formiguinhas carregam horrores de coisas pode deixar que as formiguinhas aqui carregam” [risos] eu mexia com ele então era umas coisas assim que de vez em quando aí vinha de novo ah para, para com esse assunto que já encheu, já me disse tudo já agora acabou vamos falar de outras coisas mais bonitas e coisa e tal, vamos passear,

vamos andar e tal e andávamos por ali onde ele andava sempre porque era o bairro que ele morou sempre ou na avenida ou para trás ou para frente, sempre andou no Bom Fim então a gente andava ele conhecia todo mudo, todo mundo ah seu Rolla não sei o que tal ele estava feliz da vida ali. Eu adorei fazer isso, gostei muito mesmo e depois não sei apesar de eu ter envolvida com ele não é a mesma coisa do que pai e mãe, eu já com o pai e com a mãe eu já não tinha, não sei, não tinha tanta paciência como eu tinha com ele, não sei porque, as vezes eu me culpo até porque que eu tinha tanta paciência com ele e com o pai e a mãe eu já não tive tanta paciência assim, não sei o que que era se a gente, sei lá, de certo até de outras vidas sei lá [risos], porque eu tinha uma paciência assim eu ficava pensando não é nada bem dizer não é nada meu, não é nada e eu me sentia super feliz de estar fazendo aquilo, de ter paciência, também era mais moça o pai e a mãe foi a pouco então foi diferente a coisa, naquela época eu recém tinha me aposentado tal e coisa então eu estava feliz da vida e eu voltei para a faculdade para fazer turismo , foi quando eu fiz esse trabalho, aí fiz dois anos, fiz quatro semestres mas aí os filhos os dois entraram para a faculdade paga e a mãe saiu [risos].

M.C. – Tu tem dois filhos Estela?

E.B. – Sim tenho dois filhos um casal, e aí terminou minha função.

M.C. – Então Estela o Ceme te agradece a contribuição e o teu depoimento. Muito Obrigada!

[FINAL DA ENTREVISTA]